

**NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS: INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA HISTÓRIA DE CURITIBA**

***OUR LADY OF LIGHT OF THE PINES: SYMBOLIC INTERPRETATION OF THE HISTORY OF CURITIBA***

***NUESTRA SEÑORA DE LA LUZ DE LOS PINOS: INTERPRETACIÓN SIMBÓLICA DE LA HISTORIA DE CURITIBA***

**Khae Lhucas Ferreira Pereira<sup>1</sup>**

khaelhucas@hotmail.com

**RESUMO**

Neste artigo fazemos uma leitura interpretativa sobre a história de Curitiba, distinguindo quatro fases da composição do município como correspondentes às quatro iconografias sacras de sua padroeira. Apresentamos o percurso do desenvolvimento urbano a partir da imaginária de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais como ilustração simbólica de cada recorte de tempo, mas, sobretudo, como ícone inspirador na configuração das fases da vida social. Assim, propomos que o sentimento da devoção mariana, expressado na estética religiosa de cada período, influenciou nos rumos da cidade, desde a sua fundação à atualidade.

**Palavras-chave:** Curitiba; história; iconografia; padroeira.

***ABSTRACT***

In this article we make an interpretative reading of the history of Curitiba, distinguishing four phases of the composition of the municipality as corresponding to the four sacred iconographies of its patroness. We present the course of urban development based on the imagery of Our Lady of Light of the Pines as symbolic illustration of each snip of time, but, above all, as an icon inspirational in the configuration of the phases of social life. Thus, we propose that the feeling of marian devotion, expressed in the religious aesthetics of each period, influenced the course of the city, from its foundation to the present.

**Keywords:** Curitiba; history; iconography; patroness.

---

<sup>1</sup> Licenciatura, Bacharelado e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde realiza os estudos do Doutorado. É também Bacharel em Teologia pelo Studium Theologicum de Curitiba e Especialista em Arquitetura, Conservação e Restauro pela UTFPR. Funcionário da Fundação Cultural de Curitiba, é assessor da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico e coordenador do Museu de Arte Sacra. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4160022835322132>. Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-5473-9079>.

## **RESUMEN**

En este artículo hacemos una lectura interpretativa de la historia de Curitiba, distinguiendo cuatro fases de la composición del municipio en correspondencia con las cuatro iconografías sagradas de su patrona. Presentamos el curso del desarrollo urbano a partir del imaginario de Nuestra Señora de la Luz de los Pinos como ilustración simbólica de cada marco temporal, pero, sobre todo, como icono inspirador en la configuración de las fases de la vida social. Así, proponemos que el sentimiento de devoción mariana, expresado en la estética religiosa de cada época, influyó en el rumbo de la ciudad, desde su fundación hasta la actualidad.

**Palabras-clave:** Curitiba; historia; iconografía; patrona.

## **INTRODUÇÃO**

Onde hoje está localizada a cidade de Curitiba, no primeiro planalto do Paraná adiante da serra do mar, viviam os índios tinguís quando a conquista do ouro no século XVII determinou o desbravamento dos portugueses aos sertões paranaenses. Abrindo caminhos do litoral ao planalto, o registro da existência de ouro fez surgir uma pequena povoação de mineradores às margens do rio Atuba.

Conta lenda antiga, citada por Alfredo Romário Martins, autor da primeira História do Paraná (1899), que, no oratório da Vilinha do Atuba, todos os dias a imagem de Nossa Senhora da Luz amanhecia voltada para oeste.

Teriam assim, os povoadores, intuído que a Virgem queria ter sua capela definitiva erguida naquela direção, em território tinguís. Teriam então, os garimpeiros, pedido ao cacique dos tinguís que indicasse o local exato, bom para a nova povoação, no talvegue entre os vales dos rios que depois seriam chamados Ivo e Belém. (MACEDO, 2016, p. 43).

É a partir desse dado histórico, ainda no período colonial do país, a narração de que todos os dias a imagem de Nossa Senhora da Luz, que ficava na capela da Vilinha do Atuba, amanhecia com o olhar voltado para onde estava a terra dos índios tinguís, atual Praça Tiradentes, no centro da cidade. Essa história foi registrada até mesmo pelo viajante francês Augustin de Saint-Hilaire, em 1820 (MARTINS, 1950, p. 212), e até os dias atuais é um patrimônio transmitido às novas gerações de curitibanos nos primeiros anos escolares.

## **A VIRGEM DO OLHAR INSISTENTE: A FUNDAÇÃO DE CURITIBA**

A lenda narra que impelidos pela própria devoção, em cumprir aquilo que entenderam como um sinal divino, os colonizadores são movidos a ir até os nativos, embora receosos de um confronto que a intromissão no terreno poderia provocar. Serenos, vão ao encontro do lendário

cacique Tindiquera e pedem que ele lhes indique um lugar para a construção da capela, conforme fora assinalado pelos olhos da imagem.

O encontro inédito e desconfiado de duas culturas desiguais acontece pacificamente, ao contrário de tantos outros combativos e massacrantes conhecidos na história da colonização. Inguis e portugueses se encontraram sob a guia do olhar de Nossa Senhora da Luz, num Planalto que a partir de então ostentaria o nome dela como “Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais”.<sup>2</sup>

Guiado por sua própria intuição, Tindiquera conduz os portugueses e aponta o local do novo assentamento. “Aqui!”, exclama o chefe tingui, determinando o ponto de onde se expandiria a partir de então uma metrópole marcada pelo encontro de tantas etnias diferentes, além daquelas duas que já se plasmaram mutuamente em torno do local sugerido pela intuição religiosa (WACHOWICZ, 1988, p. 62).

Assim, a ereção da capela dedicada a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais marca o primeiro ato de fundação do povoado nos anos de 1650. A capela aparece como o primeiro enclave da cristandade milenar em meio à ocupação portuguesa recém-instalada no planalto do Paraná. Nesta capela acontece o registro de tomada de posse da povoação pelo primeiro governador, Gabriel de Lara, na ocasião da ereção do Pelourinho, em 1668, ano também da criação da paróquia de Curitiba, e depois, na sacristia da mesma capela tem lugar o ato de criação da Câmara e Justiça que estabelece a fundação da cidade, em 29 de março de 1693 (MACEDO, 2016, p. 45-46).

Presidia o primeiro templo, modesta capela em taipa, aquela imagem em terracota de Nossa Senhora da Luz trazida pelos colonizadores portugueses, cujos olhos lhes comunicaram um novo destino (figura1). Seu título faz referência a Cristo identificado como a Luz, sendo a Virgem Maria, assim, a portadora da Luz.<sup>3</sup> A origem desta devoção mariana, portanto, remonta primeiramente à Escritura, mas o seu culto trazido de Portugal à Curitiba está associado a uma narração devocional de que, em 1463, em Carnide, nos arredores de Lisboa, uma luz pairava sobre a Fonte do Machado, onde crianças afirmavam avistar uma figura luminosa resplandecer mais que o sol.

---

<sup>2</sup>A palavra “curityba” significa na língua tupi “muito pinhão”. Os primeiros povoadores da cidade não empregam essa palavra nos documentos oficiais, mas utilizam a tradução portuguesa “pinhais” para designar os campos onde os pinheiros eram abundantes. (LEÃO, 1993, p. 21).

<sup>3</sup> Em hebraico אור, o termo luz é transliterado como *ôr*. O *Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento* explica ainda que “A luz está estreitamente ligada à vida e à felicidade, o que justifica as frequentes comparações entre Deus e a luz. Desde que o mundo antigo quase sempre adorava o sol, o papel de Deus como criador da luz é enfatizado. No final de tudo, ele tornará o sol desnecessário (Is 60, 19-20).” (HARRIS, 1998, p. 39).

Figura 1. Nossa Senhora da Luz dos Pinhais – primeira imagem – “A fundação de Curitiba”.  
Acervo: Museu Paranaense. Autor: desconhecido. C:1650.



Fonte: Leo Flores.

### **NOSSA SENHORA DA LUZ (figura1): CULTO ORIGINÁRIO EM PORTUGAL**

Enquanto em seu povoado fatos religiosos atraíam curiosos a tal fonte de luz, Pero Martins, habitante de Carnide, era preso dos mouros na África. Reza em apelo suplicante a Virgem Maria e é extraordinariamente consolado por sua visita. Bela e luminosa a Senhora lhe aparece e garante que será libertado, mas pede que lhe erga em retribuição uma ermida na Fonte do Machado, onde o nome de Santa Maria da Luz será então invocado.

Milagrosamente libertado, Pero Martins, já em Portugal, é guiado na calada da noite por uma tocha miraculosa. Vai ao local conduzido pela luz e, onde ela paira, ele ali revolve o chão, encontrando sob uma laje de mármore uma pequena imagem da Virgem Maria com o Menino Jesus. Inicia-se em torno desta pequena representação uma devoção popular que desperta a atenção até mesmo da corte real. No dia da Natividade de Nossa Senhora, 8 de setembro de 1464, a ermida é inaugurada e consagrada a Nossa Senhora da Luz com a benção do Bispo de Lisboa, Dom Afonso Nogueira, e assistida pelo Rei de Portugal, Dom Afonso V. O cuidado da ermida é confiado à Confraria de Nossa Senhora da Luz, irmandade do qual o rei, o clero e membros de importantes famílias portuguesas fazem parte (CURITIBA, 1994, p. 11-17).

A devoção a Nossa Senhora da Luz, que chega com os colonizadores ao planalto do Paraná no século XVII, portanto, remonta a estes fatos religiosos em torno do povoado de

Carnide. A representação iconográfica trazida pelos colonizadores à Curitiba mostra a Virgem Maria com o Menino Jesus e corresponde, como uma reprodução, aos traços da imagem encontrada por Pero Martins. Seus olhos, conforme a tradição já mencionada, determinaram o local onde a vila de Curitiba seria construída e assistiram também os atos de desenvolvimento da povoação e sua fundação como cidade em 1693.

### **A VIRGEM PORTUGUESA: O PADRÃO LUSITANO PARA A CIDADE**

Em 16 de novembro de 1720 uma segunda imagem de Nossa Senhora da Luz (figura 2), trazida de Portugal a Curitiba, é conduzida com grande pompa de procissão e velas para ser entronizada no altar-mor de uma nova igreja paroquial, mais ampla, e que substituiu a modesta capela. “A santa rebrilhava pelo esplendor da coroa de prata e das roupagens multicoloridas; trazia no braço o menino, que, com resplendor sobre a cabeça e a esfera na mão esquerda, parecia distribuir bênçãos com a direita” (MOREIRA, 2000, p. 321).

Figura 2 - Nossa Senhora da Luz dos Pinhais – segunda imagem – “A Virgem Portuguesa”.  
Acervo: MASAC. Autor: desconhecido. Origem: Portugal. Data: 1720



Foto: Washington César Takeuchi.

Esta imagem em terracota policromada apresenta o Menino Jesus com um globo nas mãos aludindo ao seu título bíblico “Luz do Mundo” (João 8,12). A estátua portuguesa marca um segundo período da vida de Curitiba, quando acontecem as reformas urbanas promovidas

pelo Ouvidor Raphael Pires Pardini, emissário do Rei de Portugal. É nesse período que a cidade passa a adquirir organização na vida pública, passando de uma vila desalinhada para um município de planejamento urbano e com uma igreja matriz mais vistosa, em estilo colonial, construída junto à praça central para presidir a espacialidade.

A partir de então, Curitiba viveu mais intensamente a devoção a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, especialmente durante as festas anuais de 8 de setembro. Em 1721, o Ouvidor Pardini, no Livro dos Provimientos, fixou essa data para a realização da procissão festiva de Nossa Senhora da Luz, ordenando a todos os moradores de até uma légua ao redor da vila a assistir à procissão, bem como os vizinhos das ruas, por onde a procissão passava, a configuração à urbanidade emergente e regulamentação de seus costumes carpi-las e embelezá-las. O desfile devocional com a santa exigia assim uma nova.

Constata-se, portanto, que Nossa Senhora da Luz não foi aleatoriamente escolhida para ser padroeira da Vila, à época de sua fundação. Foi ela, segundo tradição oral, a verdadeira protagonista desta fundação. Com o milagre dos seus apontamentos, os antigos moradores da Vilinha do Atuba decidiram se mudar e se estabelecer no sítio onde se localiza a Praça Tiradentes. E, mesmo se descartarmos a tradição fantasiosa, um consenso permanecerá: foi sob o olhar da imagem de Nossa Senhora da Luz que as estruturas sociais, políticas e geográficas de Curitiba se desenvolveram. (DOMIT, 2015, p. 70).

A vila colonial curitibana não vive no isolamento. É cortada pela rota das tropas de gado que perfazem o caminho do Rio Grande do Sul a São Paulo e continua sua ligação de mercado com o litoral. Assim, o tropeirismo e o comércio com o porto fazem da vila um itinerário e polo irradiador de conquista pelos bandeirantes que empreendem expedições a oeste, aos Campos Gerais. Mas será o ciclo da produção de erva-mate que irá alavancar a economia regional até alçar, em 1853, o Paraná ao *status* de província e Curitiba sua capital florescente (MACEDO, 2016, p. 92-93).

No entanto, ainda nesse importante século XIX o cenário de Curitiba e seus arredores irá mudar com as primeiras ocupações de imigrantes e esse movimento social será definitivo para a nova configuração municipal. O grupo étnico que chega à Curitiba depois dos portugueses é o dos alemães, em seguida poloneses e italianos – numerosos esses, especialmente quando o movimento de unificação da Itália fez inflar as velas da emigração fugida da miséria. Também russos, austríacos, franceses, espanhóis, ingleses, belgas e suíços chegam ao Paraná e se instalam especialmente nos arredores de Curitiba, e a influência desses estrangeiros irá transformar os hábitos, a cultura e a arquitetura do quadro urbano (MOCELLIN, 2020, p. 65-79). Também russos, austríacos, franceses, espanhóis, ingleses, belgas e suíços chegam ao Paraná e se instalam especialmente nos arredores de Curitiba, e a influência desses

estrangeiros irá transformar os hábitos, a cultura e a arquitetura do quadro urbano (MOCELLIN, 2020, p. 65-79).

Nesta nova fase da vida social, a antiga igreja matriz de traços coloniais tem de ser demolida por conta de rachaduras que anunciam o desabamento do edifício. Os cidadãos se empenham então numa árdua tarefa que irá requerer todo o esforço coletivo: a construção de uma nova e colossal igreja matriz. Este trabalho irá aglomerar a destreza técnica e a mão de obra também dos que acabaram de chegar, que participam do sentimento religioso aplicado na construção do templo (MACEDO, 2016, p. 144).

### A VIRGEM LOURA: NOVOS MODELOS ESTÉTICOS PARA A CULTURA

Figura 1 - Nossa Senhora da Luz dos Pinhais – terceira imagem – “A Virgem loura”.  
Acervo: Catedral Basílica de Curitiba. Autor: desconhecido. Origem: Alemanha. Data: 1888.



Foto: Khae Lucas.

Enquanto pelos andaimes sobem os tijolos para erguer a nova igreja, chega a Curitiba uma terceira imagem de Nossa Senhora da Luz: a “Virgem loura”, vinda da Alemanha, (figura 3). para ocupar o altar-mor da refulgente matriz de traços neogóticos, cuja construção é empreendida por um mestre de obras também alemão, Heinrich Henning. Com arcos ogivais, abóbodas nervuradas e rosácea, o templo da padroeira é finalizado em 1893 (MOCELLIN, 2020, p.123). Verticalizado, à guisa da arquitetura sacra europeia familiar aos imigrantes, suas

torres são mais agigantadas que as araucárias e se parecem como setas apontando para o alto. Um templo indicador do sol, morada da Senhora da Luz, cujos olhos escolheram o lugar de seu assento, onde ela residiria como referência para os que chegariam depois dela.

Tornada catedral, com a instalação da Diocese em 1894 (FEDALTO, 2014, p.152), a nova matriz foi o maior edifício erguido em Curitiba desde sua fundação. Uma igreja monumental construída por cidadãos comuns, imigrantes e homens livres, pois a catedral antecipou também uma nova fase da vida pública no Brasil, a Lei Áurea, pois em Curitiba já se difundia fortemente a ideia da abolição e já não se tolerava mais a escravidão humana (MACEDO, 2016, p.144).

Desde seus primórdios ao seu desenvolvimento, Curitiba foi gerada do encontro de raças diferentes: indígenas nativos, portugueses colonizadores, africanos escravizados, europeus imigrados. Estes últimos que chegaram a Curitiba, sobretudo no mesmo período em que a catedral era construída, mantinham a esperança de também aqui recomeçar suas vidas destruídas pelos conflitos políticos dos quais fugiram. Juntaram-se ao esforço iniciado e construíram um monumento histórico para a cidade. Legaram um testemunho de regeneração pela fé, erguendo um templo para a Luz dos Pinhais.

Curitiba expandiu seu crescimento populacional a partir da chegada desses imigrantes de diferentes nacionalidades, o que gerou a diversidade cultural que caracterizou sua cosmópolis. Imigrados, chegados por último, renderam-se à proteção de Nossa Senhora da Luz, aquela que chegou primeiro. Cooperaram com o desenvolvimento, fizeram florescer a terra destinada por ela.

## **A VIRGEM DE BRONZE: A SEDIMENTAÇÃO DA IDENTIDADE**

Em 1993, aniversário de trezentos anos da fundação de Curitiba e centenário da inauguração da catedral, quando a igreja foi também elevada à Basílica Menor, a cidade ergueu um obelisco de mármore como pedestal para uma nova imagem de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Ao contrário das outras representações, esta foi confeccionada em Curitiba, obra da artista argentina Maria Inês di Bella, esculpida em bronze e contendo os mesmos traços iconográficos das imagens antecedentes, mas com um elemento diferenciado e profundamente simbólico: sua mão estendida. (figura 4).

Figura 4 - Nossa Senhora da Luz dos Pinhais – quarta imagem – “Memorial da Padroeira”.  
Acervo: Prefeitura Municipal de Curitiba. Autoria: Maria Inês di Bella. Origem: Curitiba. Data: 1993.



Foto: Lucilia Guimarães.

Ocupando o altar-mor da matriz, as três imagens precedentes mantinham seus olhos direcionados ao sul, para a Praça Tiradentes, lugar escolhido pela Virgem e demarcado pelo cacique. A quarta imagem, no entanto, está voltada ao norte, tem seu manto esvoaçante pelo sopro de vento que atinge sua altura, e, num sorriso sereno em meio à ventania, mantém sua mão direita estendida em claro sinal de acolhimento aos que chegam à cidade. A recepção amorosa oferecida por sua posição evoca o forte elemento característico da capital do Paraná: a terra dos que chegaram. Os que escolheram viver em Curitiba se tornaram os seus construtores e retribuíram o bem encontrado aqui.

A história da imigração, do exílio forçado, não pertence ao passado apenas. Do limiar de sua povoação aos dias atuais, Curitiba continua sendo o destino de peregrinos que procuram reerguimento, que buscam garimpar o seu “ouro” entre as possibilidades da vida urbana. O fenômeno global do êxodo rural na segunda metade do século XX encheu os centros urbanos de todo o mundo. A busca por emprego, estudo, moradia, as tentativas tecnológicas de empreendimento, deslocou enormes contingentes para as cidades. E as crises humanitárias causadas pelos confrontos políticos neste início de século XXI fazem emergir novos fluxos de imigração em massa que alarmam a comunidade internacional. Razão pela qual a quarta imagem tem eloquência representativa em seu gesto acolhedor.

## CONCLUSÃO

Percebemos que as quatro fases da composição do município de Curitiba, que aqui apresentamos, estão simbolicamente ilustradas pelas quatro imagens de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, correspondentes iconograficamente a cada período, como se a cada uma pertencesse uma fração da história. A primeira, à origem da expedição lusitana, à ocupação indígena, à capelinha de taipa, à firmeza dos alicerces institucionais e fundação da cidade; a segunda, ao desenvolvimento dos padrões de urbanidade, à matriz avantajada, à conquista da emancipação política do estado, ao ciclo da erva-mate, ao período imperial no país; a terceira, à catedral imponente, à imigração diversificada, à modernidade do regime republicano, à elegância da *Belle Époque*, à fundação da Universidade do Paraná, o avanço econômico; a quarta, à identidade curitibana, à valoração das culturas étnicas, à estética metropolitana reconhecida mundialmente nos padrões inteligentes de urbanismo e cidadania.

A figura de Nossa Senhora da Luz, desde seus olhos pertinentes demarcando para si o planalto de Curitiba, à sua mão direita estendida em acolhida maternal no alto de um obelisco, é para os curitibanos uma imagem inspiradora. A memória transmitida atesta que os olhos da Virgem Maria definiram o destino da cidade construída sobre o planalto do Paraná. Trata-se desde o início de uma figura religiosa que exerceu força nos rumos da configuração urbana, de modo que a representação mariana da padroeira é um elemento decisivo para se compreender a formação da identidade de Curitiba. Da mesma forma, que pela ótica da tradição da teologia cristã a imagem da Mãe de Jesus torna-se, numa leitura hermenêutica, a representação do próprio povo de Deus (RATZINGER, 2013, p. 33).

É, de fato, uma figura que representou na história uma imensa fonte de inspiração. Uma figura que irradiou poderosas forças morais, em termos de misericórdia, solidariedade, coragem e amor. Um símbolo que incidiu fortemente sobre a subjetividade social, reforçando-a, alargando-a, fazendo-a crescer e ativando sua criatividade. De que forma concreta operou? Favorecendo a coesão social nos momentos de perigo, infundindo consolação e esperança diante das tragédias, conferindo força e resistência nas crises e provações e despertando a coragem e a confiança por ocasião de inevitáveis enfrentamentos. (BOFF, 2006, p. 281).

Nenhuma análise social-antropológica pode prescindir do sentimento religioso que existe no homem e que o orienta. Sentimento que havia naqueles primeiros lusitanos que conduziram a imagem de Nossa Senhora da Luz ao planalto do Paraná traçando, sem saber, o destino de tantas gerações de imigrantes que viriam atrás deles atravessando o oceano.

Figura 5 – Centro Histórico de Curitiba – Memorial de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.  
8 de setembro de 2019 – Solenidade da Padroeira de Curitiba. “Apoteose de Luz



Foto: Danie

Quando nos voltamos à história de Curitiba, evidenciamos que através de sua devoção mariana o município vive continuamente reportado à Luz dos Pinhais. Nome que indica a convicção de uma luminosidade infalível sobre as glebas de araucárias.

Os pinheiros que dominam a paisagem natural de Curitiba ensinam essa atitude de orientação ao céu, são sinais recordativos da espera da luz. Colunas robustas, abrem seus galhos numa atitude de recepção, espera permanente e ansiada pela luz que emana de cima. Do mesmo modo, a padroeira da cidade permanece nessa mesma atitude em cada uma de suas iconografias: indica Aquele que é a luz do mundo.

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Clodovis. **Mariologia Social: o significado da Virgem para a sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006.
- CURITIBA, Prefeitura Municipal. **O culto de Nossa Senhora da Luz**. Curitiba: Fundação Cultural, 1994.
- DOMIT, Renata. **Nossa Senhora da Luz dos Pinhais: padroeira e testemunha da fundação e desenvolvimento de Curitiba**. In: REVISTA DA DIRETORIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E CULTURAL / FCC: Taipa - v.2, n.2 - Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2015.
- FEDALTO, Pedro. **História da Igreja no Paraná**. Curitiba: CNBB, 2014
- HARRIS, Lair (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- LEÃO, Ermelino. **Curityba**. In: BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO PARANÁ. v. XLVIII. p. 21-59. Curitiba, 1993.

MACEDO, Rafael Valdomiro Greca. **Curitiba, Luz dos Pinhais**. Curitiba: Solar do Rosário, 2016.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Guaíra, 1950.

MOCELLIN, Renato. **História concisa de Curitiba**. Curitiba: Remo, 2020.

MOREIRA, J. E. **As imagens de Nossa Senhora da Luz e do Bom Jesus dos Pinhais e a Igreja Matriz de Curitiba**. In: BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO PARANÁ. V. LI. P. 305-371. CURITIBA, 2000.

RATZINGER, Joseph. **A Filha de Sião: a devoção mariana na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2013.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Vicentina, 1988.